

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU –
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FRANCÊS

MONITHELLI APARECIDA ESTEVÃO DE MOURA

ENSINO DE FRANCÊS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO MATERIAL DIDÁTICO
“PERSPECTIVES” DO COLÉGIO PEDRO II

Rio de Janeiro

2026

MONITHELLI APARECIDA ESTEVÃO DE MOURA

**ENSINO DE FRANCÊS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DO MATERIAL DIDÁTICO “PERSPECTIVES” DO COLÉGIO
PEDRO II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de Especialização em Ensino de Francês, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês.

Orientador(a): Prof. Dr. Felipe Barbosa Dezerto.

Rio de Janeiro

2026

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

M929 Moura, Monithelli Aparecida Estevão de
 Ensino de francês e relações étnico-raciais : uma análise
discursiva do material didático “perspectives” do Colégio Pedro II /
Monithelli Aparecida Estevão de Moura. – Rio de Janeiro, 2026.

39 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de
Francês) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa,
Extensão e Cultura.

Orientador: Felipe Barbosa Dezerto.

1. Língua francesa – Estudo e ensino. 2. Relações étnico-raciais. 3.
Análise do Discurso. 4. Material Didático. I. Dezerto, Felipe Barbosa.
II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 440

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

MONITHELLI APARECIDA ESTEVÃO DE MOURA

**ENSINO DE FRANCÊS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA DO MATERIAL DIDÁTICO “PERSPECTIVES” DO COLÉGIO
PEDRO II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação Lato Sensu – Curso de
Especialização em Ensino de Francês, ofertado pela Pró-
Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
do Colégio Pedro II, como requisito parcial para
obtenção do título de Especialista em Ensino de Francês

Aprovado em 11 de abril de 2026.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Barbosa Dezerto
Instituição Colégio Pedro II
Orientador

Prof. Dr. Edmar Guirra dos Santos
Instituição Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus e à minha ancestralidade negra, por me possibilitarem chegar até aqui, bem como à minha família, pelo apoio sem medida aos meus estudos e à minha trajetória profissional.

Ao Prof. Dr. Felipe Barbosa Dezerto, meu orientador, agradeço pelo apoio, pela dedicação e pelo cuidado e zelo na condução deste trabalho, pelo qual guardo profunda admiração. Destaco, ainda, a importância de tê-lo como meu primeiro professor universitário negro e também como orientador.

Ao Prof. Dr. Edmar Guirra dos Santos, pela participação na banca e pela leitura atenta deste trabalho, manifesto igualmente minha admiração, especialmente pelas aulas ministradas, marcadas pela mobilização de uma bibliografia inteiramente negra.

Ao Colégio Pedro II, pela formação proporcionada no âmbito da Especialização em Ensino de Francês, na modalidade a distância.

Ao corpo docente do curso, às professoras doutoras Claudia Maria Almeida, Juliana de Castro e Patrícia Alves, e aos professores doutores Luciano Passos Moraes, Jorge Moreira e Luís Paulo Monteiro, pela transmissão, com profissionalismo, sensibilidade e afeto, de saberes, conhecimento e experiências educativas.

RESUMO

MOURA, Monithelli Aparecida Estevão de. **Ensino de francês e relações étnico-raciais: uma análise discursiva do material didático “Perspectives” do Colégio Pedro II.** 2026. Trabalho do Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Francês) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar as representações discursivas da negritude e da francofonia negra no material didático *Perspectives 1*, destinado ao ensino de língua francesa no Ensino Médio. A pesquisa fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa, articulada à Linguística Aplicada e à Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), a fim de compreender como sentidos sobre sujeitos, territórios e línguas são produzidos e estabilizados em práticas pedagógicas. O corpus da pesquisa foi delimitado aos dois primeiros módulos do material, por concentrarem, de forma mais explícita, temáticas relacionadas à mobilidade, à francofonia e a territórios marcados por heranças coloniais. A análise evidenciou uma regularidade que se organiza em torno de quatro eixos: representação do sujeito negro, distribuição do espaço simbólico, silenciamentos e hierarquias discursivas e formas de legitimação e marginalização da alteridade. No Módulo 1, observa-se a presença de sujeitos negros como instâncias enunciativas, sobretudo por meio da narrativa de uma personagem africana e da inserção da escritora caribenha Maryse Condé. Contudo, essa presença é atravessada por processos de mediação didática e pela associação recorrente entre negritude e deslocamento migratório, o que tende a fixar a experiência negra a trajetórias de vulnerabilidade e adaptação. Além disso, verifica-se a manutenção de hierarquias linguísticas, nas quais o francês ocupa posição de prestígio, em detrimento de outras línguas, como o crioulo. No Módulo 2, há um deslocamento significativo, em que o sujeito negro deixa de ocupar o centro da enunciação, passando a ser representado indiretamente por meio de territórios e práticas culturais. Esse movimento resulta em processos de estetização, despolitização e deshistoricização da negritude, sobretudo sob a lógica do turismo e da exotização. Os territórios ultramarinos são apresentados como extensões da França, sem problematização de seus processos históricos de colonização e escravidão. De modo geral, a análise evidencia a permanência de uma memória discursiva colonial que organiza a produção de sentidos sobre a francofonia, marcada por hierarquias linguísticas, espaciais e culturais. Embora o material mobilize a diversidade como valor, essa mobilização ocorre de forma subordinada, sem promover deslocamentos efetivos nas estruturas discursivas hegemônicas. Assim, conclui-se que o material analisado apresenta limites para uma abordagem crítica alinhada à ERER, ao não reinscrever de forma central e historicamente situada as experiências e epistemologias afro-diaspóricas no ensino de língua francesa.

Palavras-chave: Ensino de Francês como Língua Estrangeira; Educação para as Relações Étnico-Raciais; Análise do Discurso; Material Didático; Perspectives;

RÉSUMÉ

MOURA, Monithelli Aparecida Estevão de. **L'enseignement du français et les relations ethno-raciales** : une analyse discursive du manuel scolaire « Perspectives » du Colégio Pedro II. 2026. Mémoire de spécialisation en enseignement du français. Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2026.

Ce Travail de Conclusion de Cours a pour objectif d'analyser les représentations de la négritude et de la francophonie noire dans le manuel Perspectives 1, destiné à l'enseignement du français au lycée. La recherche s'appuie sur l'Analyse du Discours d'inspiration française, articulée à la Linguistique Appliquée et à l'Éducation aux Relations Ethnico-Raciales (ERER), afin de comprendre comment les sens relatifs aux sujets, aux territoires et aux langues sont produits dans les pratiques pédagogiques. Le corpus a été délimité aux deux premiers modules du manuel, car ils concentrent plus explicitement des thématiques liées à la mobilité, à la francophonie et aux territoires marqués par des héritages coloniaux. L'analyse met en évidence une régularité structurée autour de quatre axes : la représentation du sujet noir, la distribution de l'espace symbolique, les silenciements et hiérarchies discursives, ainsi que les formes de légitimation et de marginalisation de l'altérité. Dans le Module 1, on observe la présence de sujets noirs comme instances énonciatives, notamment à travers la narration d'un personnage africain et l'insertion de l'écrivaine caribéenne Maryse Condé. Cependant, cette présence est médiatisée didactiquement et associée à des trajectoires migratoires, ce qui tend à fixer l'expérience noire à des dynamiques de vulnérabilité et d'adaptation. Par ailleurs, des hiérarchies linguistiques persistent, le français occupant une position de prestige au détriment d'autres langues, comme le créole. Dans le Module 2, un déplacement s'opère : le sujet noir cesse d'occuper le centre de l'énonciation et est représenté indirectement à travers les territoires et les pratiques culturelles. Ce processus entraîne une esthétisation, une dépolitisation et une déshistoricisation de la négritude, notamment sous l'angle du tourisme et de l'exotisation. Les territoires ultramarins sont présentés comme des extensions de la France, sans prise en compte critique de leur histoire coloniale. De manière générale, l'analyse met en évidence la persistance d'une mémoire discursive coloniale qui structure les représentations de la francophonie, marquée par des hiérarchies linguistiques, spatiales et culturelles. Bien que le manuel mobilise la diversité comme valeur, celle-ci reste subordonnée et ne produit pas de véritable déplacement des structures discursives dominantes. Ainsi, le matériel présente des limites pour une approche critique alignée sur l'ERER, en ne réinscrivant pas de manière centrale et historiquement située les expériences et épistémologies afro-diasporiques dans l'enseignement de la langue française.

Mots-clés : Enseignement du Français Langue Étrangère ; Éducation pour les Relations Ethno-Raciales ; Analyse du Discours ; Matériel Pédagogique ; Perspectives ;

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1	Análise do Discurso	13
2.2	Linguística Aplicada.....	14
2.3	Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER)	15
3	METODOLOGIA	17
3.1	Construção dos quadros analíticos	19
4	ANÁLISES.....	21
4.1	A negritude francófona em: presença condicionada e trajetórias de deslocamentos.	21
4.2	A negritude francófona em: centralidade da alteridade esvaziada à estetização, despolitização e deshistoricização	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
	REFERÊNCIAS	32

1 INTRODUÇÃO

Como professora brasileira preta de francês, meu posicionamento nesta pesquisa é necessariamente situado. Minha trajetória docente e investigativa, iniciada no mestrado, desde 2022, levou-me a questionar as relações entre língua francesa, racialização e produção de saberes no ensino de Francês Língua Estrangeira (FLE).

No cotidiano da preparação de materiais didáticos, muitas vezes me deparei com a sensação de que determinadas propostas “não faziam sentido” ou de que eu apenas realizava uma transposição artificial entre contextos culturais distintos, sem conseguir ultrapassar os limites impostos por determinados modelos metodológicos ou materiais didáticos. Em outros momentos, ao acessar sequências didáticas elaboradas por outros professores em contextos específicos fora dos materiais didáticos, percebia que algumas propostas produziam maior coerência com aquilo que eu desejava ensinar, o que me levou a questionar até que ponto a autonomia docente dependeria da internalização de diferentes métodos de ensino.

(Moura, narrativa de memória, 2025)

Foi nesse percurso de inquietação, apresentado pela narrativa anterior, que surgiram indagações genuínas que introduzem esta investigação e que, à luz de Clandinin e Connelly (2000, 2015), podem ser compreendidas como puzzles, isto é, perguntas investigativas que nascem de um genuíno “não saber” no interior da prática docente.

Entre elas, entre experiências de racismo, da relação com o francês afrocentrado, de produção de material e de reflexões nesse e desse contexto, destacaram-se questões como:

Por que eu ensinava francês, principalmente para pessoas brancas?; Por que não ensinava para pessoas negras?; Será que, como professora preta, estou ensinando francês de uma perspectiva colonizadora?; Como posso criar materiais que promovam um currículo e um ensino afrocentrados e decoloniais?; Como os alunos se sentem nesse ambiente de ensino e aprendizagem crítico e reflexivo? (...) Como criar materiais direcionados ao público negro [?] (...); Descolonizar significa incluir imagens de pessoas pretas? Desestrangeirizar um material didático é colocar imagens de pessoas negras? (...) Por que ensinar a partir de uma perspectiva da França, da Europa, quando o francês é falado em outros cinco continentes ao redor do mundo?; Por que nos limitamos apenas à perspectiva do Norte mundial?. (Moura, p.25, 26, 2024).

Esta pesquisa constitui um gesto de desdobramento desses puzzles e reflexões críticas em minha dissertação, acerca da negritude e do FLE, que foi defendida em fevereiro de 2024, intitulada “Aquilombar-se: experiências de uma professora preta de francês e de estudantes pretas(os) e pardas(os) no projeto Linguafro”.

Naquele estudo, ao analisar minhas experiências e as de estudantes em um curso de francês afirmativo (Moura, 2024), pensado para e por pessoas negras (pretas e pardas), surgiram reflexões e questionamentos sobre os modos de representação da negritude em materiais didáticos, bem como sobre a ausência, marginalização ou segregação de referências à

francofonia negra nesses materiais. A partir dessas inquietações, passei a refletir mais atentamente sobre a escolha de literaturas e temáticas prioritárias no ensino de francês, bem como sobre os modos de abordar países francófonos cuja população é majoritariamente negra, buscando também tornar essas escolhas e abordagens mais conscientes em minha prática.

É nesse contexto que se insere o objetivo desta pesquisa. Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Especialização em Ensino de Francês do Colégio Pedro II (CPII), apresento uma proposta de análise do volume um – *Perspectives 1*, sendo um dos livros da coleção didática composta por três volumes: “Perspectives 1, 2 e 3”, utilizada no 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da instituição.

Considerando o papel central do material didático na organização das práticas pedagógicas, investigar como sujeitos negros e a francofonia negra são representados discursivamente em livros de ensino de francês torna-se relevante para as áreas da Análise do Discurso, Linguística e Linguística Aplicada, Formação de professores e especialmente para a área da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) e Educação antirracista no contexto escolar brasileiro.

Compreendo a coleção de material didático como uma materialidade discursiva atravessada por relações históricas e ideológicas, isto é, que organiza e orienta determinadas formas de ver, ensinar e significar a língua francesa.

Início a análise pelo nome do material didático *Perspectives 1*, destinado à 1ª série do Ensino Médio, para alunos que já iniciaram os estudos de francês desde o Ensino Fundamental. No dicionário online *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales*¹, a palavra “perspective”, no singular, enquanto substantivo feminino, apresenta, entre outros, os seguintes sentidos:

A. – (1.) Phénomène affectant la vision de loin des objets ou des différentes apparences (ou représentations) des objets suivant les changements de position de l'œil qui les regarde. B. – Au fig. (1.) Manière particulière d'envisager les choses ou d'en interpréter le déroulement ; aspect sous lequel les choses se présentent.²

Em outras palavras, “perspectiva”, enquanto categoria visual, refere-se ao efeito que altera a percepção de um objeto (língua francesa) conforme o ponto de observação, produzindo variações em sua aparência. Já em sentido figurado, diz respeito ao modo específico de compreender, analisar ou atribuir sentido a algo (língua francesa), ao ângulo sob o qual é

¹ <https://www.cnrtl.fr/definition/>

² “A. – (1.) Um fenômeno que afeta a visão de objetos à distância, ou das diferentes aparências (ou representações) de objetos, dependendo das mudanças na posição do olho que os observa. B. – Figurativamente. (1.) Uma maneira particular de considerar as coisas ou interpretar seu curso; o aspecto sob o qual as coisas se apresentam.” (tradução livre)

percebido.

Ao aparecer no plural – *Perspectives* –, o título da trilogia didática sugere múltiplas formas de ver, compreender e significar a língua francesa. Contudo, cabe investigar: quais perspectivas são efetivamente mobilizadas? Quais olhares são privilegiados? E quais permanecem à margem? Será mesmo uma regularidade discursiva sustentada ao longo de toda a obra? Quais visões serão essas? Por quem? Há representações de negritude? Se há, o negro está em posição inferiorizada (geográfico, discurso, humanidade)? Ou é de fato protagonista para falar de seus pertencimentos e ancestralidades? Qual o cenário em que ele está inserido ou ao qual pertence? Essas questões indicam os caminhos interpretativos que orientam o olhar analítico desta pesquisa sobre o *Perspectives 1*, desenvolvido nos capítulos seguintes.

É importante destacar que para a sua compreensão, recorri à compreensão do funcionamento da trilogia didática. Trago, inicialmente, a explicitação de sua organização modular, ainda que, neste trabalho, as análises se concentrem somente no primeiro volume. Os volumes 1 e 3 estruturam-se em três módulos, ao passo que o volume 2 apresenta quatro, iniciando-se por um módulo 0, o que já sinaliza uma diferenciação interna na progressão pedagógica proposta pelo material.

Em cada abertura de módulo, observo a presença de elementos recorrentes, tais como a explicitação das temáticas, a indicação dos conteúdos gramaticais a serem desenvolvidos e, de modo particularmente significativo, a inserção de uma nuvem de palavras centralizada na página. Esse recurso visual não se limita a antecipar conteúdos, mas funciona como uma materialidade discursiva que organiza e hierarquiza sentidos antes mesmo do contato com os textos do módulo.

Nessas nuvens, a variação no tamanho das palavras, associada à sua frequência ou relevância, produz um efeito de centralidade semântica, atribuindo maior visibilidade a determinados termos em detrimento de outros. Tal funcionamento não é neutro: ao destacar certos léxicos, o material didático orienta previamente os percursos interpretativos da(o) estudante, legitimando determinadas representações e, simultaneamente, silenciando outras possibilidades de significação.

Nesse processo, foram mobilizados conceitos como “desestrangeirizar o material didático”, “francês afirmativo” e “francofonia negra”, compreendidos conjuntamente como conceitos que orientam o olhar de análise desta pesquisa. A noção de desestrangeirização do material didático refere-se ao movimento pedagógico e político de aproximar a língua francesa da realidade e da identidade da(o) aprendiz, rompendo com a ideia de língua estrangeira como algo distante, homogêneo ou exclusivamente associado a um modelo eurocentrado (Moura,

2024).

Em diálogo com essa perspectiva, o conceito de francês afirmativo diz respeito a uma proposta de ensino que evidencia realidades culturais, linguísticas e literárias de sujeitos negros no espaço da francofonia, buscando valorizar representações positivas e ampliar a presença de referências negras no processo de ensino e aprendizagem da língua francesa (Moura, 2024). Já a noção de francofonia negra é aqui compreendida como a presença e a produção cultural, literária e linguística de comunidades negras nos espaços francófonos, incluindo países africanos e contextos diaspóricos, cujas trajetórias históricas e identitárias tensionam as visões tradicionais e territorialidades da francofonia.

Diante desses três recortes conceituais, neste trabalho tenho como objetivo geral analisar quais discursos são mobilizados no livro e como esses discursos produzem efeitos de sentido sobre o negro, a negritude e a francofonia negra no material didático de ensino de francês, investigando em que medida tais sentidos se aproximam de uma perspectiva de francês afirmativo e de desestrangeirização do material didático.

Para atingir esse objetivo, pretendo especificamente, no *Perspectives 1*: (1) analisar a representação discursiva do negro, da negritude e da francofonia negra no material; (2) examinar a distribuição do espaço simbólico ocupado por esses sujeitos e referências culturais; (3) identificar possíveis silenciamentos, regularidades e hierarquias discursivas relacionados ao negro, à negritude e à francofonia negra; e (4) investigar de que modo a alteridade negra é legitimada ou marginalizada no material.

Este trabalho está organizado em quatro capítulos, além da introdução e das referências. No primeiro capítulo, dedicado à fundamentação teórica, discuto os aportes teóricos da Análise do Discurso, da Linguística Aplicada e da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). No segundo capítulo, trago a metodologia da pesquisa e para elaboração dos quadros analíticos. No terceiro, desenvolvo a análise das materialidades verbais, imagéticas e geográficas presentes no livro. Por fim, no quarto, apresento as considerações finais da pesquisa. A seguir, inicio o capítulo primeiro, dedicado à fundamentação teórica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta os pressupostos teóricos que fundamentam a análise desenvolvida neste trabalho. Para tanto, mobilizam-se contribuições da Análise do Discurso de linha francesa, da Linguística Aplicada e da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER). Tais campos permitem compreender o material didático não como um objeto neutro, mas como uma materialidade discursiva atravessada por relações de poder, ideologia e historicidade.

Dentre essas contribuições, inicia-se pela Análise do Discurso de linha francesa, por consistir o eixo teórico central que orienta a compreensão dos processos de produção de sentido no material analisado.

2.1 Análise do Discurso

A Análise do Discurso (AD), especialmente em sua vertente francesa, constitui o principal aporte teórico-metodológico deste trabalho, ao possibilitar a compreensão dos sentidos como historicamente construídos e ideologicamente determinados.

De acordo com Michel Pêcheux (2010), o sentido não é intrínseco às palavras, mas resulta das formações ideológicas em jogo em determinado momento histórico. Tal perspectiva permite compreender que os enunciados presentes no material didático analisado não são neutros, mas produzem efeitos de sentido que se inscrevem em determinadas formações discursivas.

Nessa direção, a noção de formação discursiva é central, uma vez que delimita aquilo que pode e deve ser dito em determinadas condições de produção. Assim, os discursos sobre francofonia, negritude e língua francesa presentes no material didático são atravessados por memórias discursivas que retomam e atualizam sentidos historicamente constituídos.

Outro conceito fundamental é o silêncio, desenvolvido por Eni Orlandi (2007). Para a autora, o silêncio não corresponde à ausência de sentido, mas constitui uma forma de significação. Essa concepção é particularmente relevante para esta pesquisa, uma vez que permite analisar não apenas o que é dito sobre a negritude e a francofonia, mas também aquilo que é sistematicamente silenciado, como as histórias de resistência negra, a escravidão e a colonialidade.

Além disso, a AD possibilita compreender o sujeito como efeito do discurso, e não como sua origem. Isso implica reconhecer que as representações do sujeito negro no material didático não são espontâneas, mas produzidas no interior de formações discursivas que podem tanto

legitimar quanto marginalizar determinadas posições de sujeito.

Por fim, as contribuições de Frantz Fanon ampliam essa discussão ao evidenciar como o colonialismo opera não apenas no plano territorial, mas também simbólico. Para Fanon (2022), a colonização produz hierarquias entre sujeitos, culturas e línguas, estruturando imaginários que persistem mesmo após o fim formal do colonialismo.

Tal perspectiva permite compreender a permanência de uma memória discursiva colonial nos modos de representação da francofonia e da negritude.

A partir dessa compreensão dos sentidos como historicamente e ideologicamente determinados, torna-se necessário articular tais pressuposto ao campo da Linguística Aplicada, especialmente no que se refere às práticas de ensino de línguas e à circulação desses discursos em contextos educativos.

2.2 Linguística Aplicada

Nesse sentido, a Linguística Aplicada oferece ferramentas teóricas para compreender como esses processos discursivos se materializam no ensino de línguas, particularmente na produção e no uso de materiais didáticos.

A Linguística Aplicada (LA), entendida como um campo interdisciplinar e crítico, contribui para a problematização das práticas de ensino de línguas, especialmente no que se refere às relações entre linguagem, poder e identidade.

Segundo Moita Lopes (2006), a LA contemporânea deve ser compreendida como um campo que problematiza práticas sociais mediadas pela linguagem, considerando seus atravessamentos políticos, culturais e identitários. Nesse sentido, o ensino de línguas deixa de ser visto apenas como transmissão de estruturas linguísticas, passando a ser compreendido como prática social situada.

Essa perspectiva é fundamental para análise de materiais didáticos, uma vez que tais materiais não apenas ensinam uma língua, mas também constroem representações sobre os sujeitos que a utilizam, os territórios em que circula e as culturas a ela associadas. Assim, o ensino de francês, no contexto brasileiro, não pode ser dissociado das relações históricas e políticas que envolvem a francofonia.

A LA crítica também enfatiza a necessidade de questionar a naturalização de determinadas hierarquias linguísticas. Nesse sentido, a centralidade do francês padrão, em detrimento de variedades linguísticas como o crioulo, pode ser compreendida como efeito de processos históricos de colonialidade linguística.

Além disso, a noção de ensino crítico de línguas aponta para a importância de práticas pedagógicas que não apenas reproduzam discursos hegemônicos, mas que possibilitem sua problematização. Isso implica reconhecer o papel do professor como mediador na construção de sentidos, capaz de tensionar as representações presentes nos materiais didáticos.

Entretanto, para além da problematização das práticas de ensino, faz-se necessário considerar as implicações dessas representações no campo das relações étnico-raciais, especialmente no contexto educacional brasileiro.

2.3 Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER)

É nesse horizonte que se insere a Educação para as relações Étnico-Raciais, a qual amplia a discussão ao propor uma abordagem crítica voltada ao enfrentamento das desigualdades raciais no espaço escolar.

A Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER) constitui um eixo fundamental para esta pesquisa, especialmente por orientar práticas pedagógicas comprometidas com o enfrentamento do racismo e a valorização das histórias e culturas afro-diaspóricas.

No contexto brasileiro, a ERER está diretamente vinculada à Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Tal diretriz implica não apenas a inclusão de conteúdos, mas a revisão crítica das formas de representação dos sujeitos negros nos materiais didáticos.

De acordo com Nilma Lino Gomes (2005, 2017), a educação das relações étnico-raciais exige uma ruptura com práticas pedagógicas que reproduzem desigualdades, promovendo uma abordagem que reconheça a centralidade das experiências negras na constituição da sociedade. Nesse sentido, não se trata apenas de inserir a negritude como tema, mas de problematizar as estruturas que historicamente a marginalizam.

Além disso, as reflexões de Djamila Ribeiro sobre lugar de fala contribuem para compreender a importância da legitimação de vozes negras nos processos de produção de conhecimento. Para Ribeiro (2017), não se trata de determinar quem pode falar, mas de compreender quais vozes são historicamente legitimadas ou silenciadas nos processos de produção de conhecimento. Tal perspectiva é central para a análise das instâncias enunciativas presentes no material didático.

A ERER também dialoga com a necessidade de construção de uma educação linguística crítica, na qual o ensino de línguas estrangeiras não reproduza hierarquias raciais e culturais, mas contribua para sua problematização. Nesse sentido, a análise do material permite avaliar

em que medida ele se aproxima, ou se distancia, de uma proposta pedagógica alinhada a esses princípios.

Desse modo, a articulação entre a AD, a LA e a EREER permitem construir um olhar analítico capaz de aprender as relações entre linguagem, poder e identidade. É a partir desse enquadramento teórico que se desenvolve, a seguir, a metodologia da pesquisa.

3 METODOLOGIA

Para a condução desta pesquisa, torna-se necessário expor os procedimentos que foram adotados desde a composição do corpus até os gestos analíticos que orientam a leitura das materialidades discursivas. Serão apresentados os pressupostos teóricos-metodológicos, os critérios de delimitação do corpus e os procedimentos de análise mobilizados ao longo da investigação.

Esta pesquisa é de natureza interpretativista e analítica discursiva, fundamentada na AD de linha francesa, articulada à LA e à ERER. Parto do pressuposto de que a linguagem não constitui um instrumento neutro de comunicação, mas uma materialidade histórica e ideológica atravessada por relações de poder, memória e produção de sentidos.

A ideologia nas práticas de ensino de francês, como discutido por Dezerto (2021) em seu trabalho, leva-nos a pensar sobre a concepção de sujeito, já que sujeito, prática e ideologia atuam de forma interdependente. Assim, não existe ideologia nem práticas dissociadas da existência do sujeito.

Nesse viés, em Dezerto (2021), Althusser (2007), afirma que “ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, [1996] 2007, p. 126). Partindo dessa reflexão em conjunto com os estudos de Dezerto (2021), é relevante e necessário pensar sobre a forma como a ideologia atua na construção de representações que orientam e legitimam determinadas práticas de ensino de conteúdos de francês. Nesse sentido, não há neutralidade na relação entre o sujeito professor, suas práticas pedagógicas e os conteúdos ensinados, há atravessamentos por formações ideológicas que influenciam escolhas metodológicas, modos de abordagem e sentidos atribuídos à língua e à cultura francesa, os atravessamentos históricos da colonialidade associados à expansão da língua e da cultura francesas, que estão enraizadas na memória discursiva. Assim, sujeito, prática e ideologia constituem dimensões interdependentes, uma vez que não há prática discursiva ou pedagógica desvinculada dos processos de subjetivação que atravessam o professor, no contexto deste trabalho, e no seu produzir material de ensino.

Considera-se que a produção de materiais didáticos e as práticas docentes são atravessadas por formações ideológicas e memórias discursivas, razão pela qual o material analisado é compreendido como uma materialidade histórica e discursivamente construída (Dezerto, 2021). Nessa perspectiva, o sujeito negro não é dissociado das demais discursividades presentes no material didático. Os processos de deshistoricização, apagamento e silenciamento observados na análise também incidem sobre sua representação, ainda que nem sempre de

forma explícita, produzindo efeitos de sentido que participam da construção discursiva da negritude no corpus.

O *corpus* da pesquisa é composto pelo volume *Perspectives 1*. Considerando os objetivos desta investigação, o recorte analítico foi delimitado aos dois primeiros módulos da obra, por concentrarem de forma mais explícita temáticas relacionadas à francofonia, à mobilidade, aos territórios ultra marinos e às representações da negritude. Tal delimitação não pretende esgotar os sentidos produzidos pela coleção, mas construir um gesto de leitura situado e coerente com os objetivos do trabalho. Embora o corpus desta pesquisa se restrinja aos dois primeiros módulos do volume *Perspectives 1*, a leitura exploratória dos demais volumes da coleção contribuiu para a identificação de regularidades discursivas mais amplas, auxiliando a construção do gesto interpretativo que orienta esta investigação.

A análise foi feita por meio de leituras sucessivas e comparativas das materialidades discursivas presentes no corpus. Inicialmente, foram observadas as materialidades cartográficas, geográficas e lexicais, incluindo mapas e nuvens de palavras. Em seguida, foram analisados os textos verbais e imagéticos e, posteriormente, as atividades pedagógicas, suas sequências didáticas e enunciados. Esse processo permitiu identificar regularidades discursivas relacionadas às formas de representação da francofonia e da negritude presentes no material.

Conforme aponta Dezerto (2008),

Como se pode observar, a delimitação de um *corpus* depende do que o próprio discurso dispõe para a análise. Delimitar, então, é fazer um recorte (discurso, porque já é fruto de um gesto interpretativo do analista) das sequências de linguagem, ou seja, de fragmentos de texto que farão parte das análises pós-recorte dependendo dos objetivos do analista e do quadro teórico e não de um modelo empírico.

Nessa perspectiva, o recorte do corpus não é compreendido como um procedimento neutro ou meramente técnico, mas como um gesto interpretativo atravessado pelas condições de produção da análise e pelo posicionamento teórico da pesquisa. Assim, a escolha dos módulos, das sequências discursivas e das materialidades analisadas relaciona-se diretamente aos 4 (quatro) objetivos específicos desta investigação e às regularidades discursivas identificadas ao longo do processo analítico: (1) representação do sujeito negro; (2) distribuição do espaço simbólico; (3) silenciamentos; e (4) legitimação/marginalização da alteridade.

Do ponto de vista teórico-metodológico, considera-se que os sentidos não estão dados de forma transparente no material didático, mas são produzidos historicamente em determinadas condições de produção. Nesse sentido, a análise não busca identificar intenções autorais ou avaliar moralmente o material, mas compreender os modos pelos quais

determinadas representações da francofonia e da negritude são discursivamente produzidas, legitimadas ou silenciadas.

Esse entendimento vai ao encontro das reflexões de Orlandi (2003), segundo as quais o recorte não se estabiliza, podendo variar provisionalmente de acordo com que os objetivos do análise se mobilizam de outras maneiras.

Por fim, reconhece-se que esta pesquisa apresenta limites metodológicos. O corpus analisado corresponde a um recorte específico da coleção didática, e os gestos de interpretação aqui produzidos não pretendem alcançar exaustividade ou neutralidade. Como toda análise discursiva, este trabalho constitui uma leitura situada, atravessada pelas condições históricas, teóricas e subjetivas da pesquisadora e pelo próprio funcionamento da linguagem.

3.1 Construção dos quadros analíticos

Os quadros analíticos foram construídos a partir das recorrências discursivas identificadas durante as leituras do corpus, em diálogo com o referencial teórico da pesquisa. Desse processo surgiram as categorias como representação discursiva, distribuição do espaço simbólico, silenciamentos, hierarquias discursivas e alteridade. Desse modo, os quadros foram construídos a partir da articulação entre os objetivos da pesquisa, os referenciais teóricos mobilizados e as regularidades identificadas no corpus.

Além dos conceitos oriundos da Análise do Discurso, esta pesquisa mobiliza as noções de “francês afirmativo” e “desestrangeirização do material didático” como operadores de leitura para a coleção. O primeiro, refere-se à valorização de sujeitos, produções culturais e epistemologias negras nos espaços francófonos, enquanto o segundo, refere-se à desestrangeirização que diz respeito à construção de aproximações entre o ensino da língua francesa e as experiências socioculturais das(os) estudantes brasileiras(os), especialmente negras(os). Tais noções contribuem para problematizar os modos de representação da negritude e da francofonia presentes no corpus, permitindo observar em que medida o material favorece ou restringe a visibilidade de sujeitos, saberes e experiências negras nos espaços francófonos.

As análises preliminares desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa, especialmente nas leituras interpretativas das lições e módulos realizados anteriormente, evidenciaram elementos recorrentes relacionados: i) à associação entre negritude e deslocamento; ii) à centralidade da França metropolitana; iii) à representação turística dos territórios ultramarinos; iv) à hierarquização entre francês e crioulo; v) aos silenciamentos relativos à colonialidade, à escravidão e às resistências negras.

Nessa perspectiva, os quadros não devem ser compreendidos como instrumentos quantitativos nem como categorias analíticas fechadas. Trata-se, antes, de dispositivos de organização interpretativa que permitem visualizar regularidades de funcionamento discursivo produzidos pelo material didático. Seu objetivo consiste em sistematizar os movimentos de análise e evidenciar como determinadas representações da francofonia e da negritude se distribuem ao longo dos módulos investigados.

Além disso, a organização em quadros possibilitou observar deslocamentos discursivos entre os módulos analisados, aspecto posteriormente explorado no capítulo seguinte.

4 ANÁLISES

A análise do *Perspectives 1* organiza-se a partir das regularidades discursivas identificadas entre seus módulos, considerando os seguintes eixos: representação do sujeito negro, distribuição do espaço simbólico, silenciamentos e hierarquias discursivas.

No Módulo 1, há duas lições centradas nas temáticas do cidadão do mundo, das línguas e das identidades, intituladas “Citoyens du monde” e “Des langues, des identités”. No Módulo 2, por sua vez, há quatro lições orientadas para a presença da França nos três oceanos, bem como para o turismo e da natureza: “France: un pays aux trois océans”, “L’authentique Marie-Galante”, “Pointe-à-Pitre: capitale créole de l’art urbain” e “On se promène à Rio”. Esta última não é descrita na capa do módulo, em contraste com o padrão organizacional recorrente ao longo da coleção (*Perspectives 1, 2 e 3*), aspecto que constitui um elemento significativo para a análise. Por fim, o Módulo 3 apresenta três lições centradas na temática da educação, a saber: “Éducation et culture”, “Éducation et intégration” e “Éducation et formation”.

Diante disso, o corpus foi delimitado aos dois primeiros módulos, por concentrarem os materiais em que as questões relativas à francofonia, à circulação transnacional, às identidades linguísticas e aos territórios historicamente vinculados aos processos coloniais aparecem de forma mais recorrente e explícita. Tais elementos constituem condições privilegiadas para observar os modos de representação da negritude e da francofonia negra no livro didático. Em contrapartida, o Módulo 3 privilegia discussões voltadas ao campo educacional e formativo, apresentando menor incidência de materialidades diretamente relacionadas ao objeto desta pesquisa, razão pela qual não foi incluído no recorte analítico.

4.1 A negritude francófona em: presença condicionada e trajetórias de deslocamentos.

No Módulo 1, a presença de sujeitos negros ocorre de forma mais explícita, sobretudo por meio da narrativa de Pulchérie e da inserção da escritora Maryse Condé. Tal presença, entretanto, é atravessada por dois movimentos principais: a associação recorrente entre negritude e deslocamento migratório e a mediação didática das vozes enunciativas.

No módulo, a representação do sujeito negro ocorre principalmente por meio das personagens mobilizadas, dos contextos em que aparecem, das experiências que lhes são atribuídas e dos sentidos produzidos pelos textos e atividades. A análise concentrou-se na forma como os sujeitos negros são apresentados, quais características lhes são associadas e quais experiências são destacadas ou silenciadas ao longo do material.

Pulchérie é uma personagem que se destaca, assim como a professora de literatura, escritora e jornalista guadalupense Maryse Condé. A trajetória de Pulchérie é organizada em torno de um percurso migratório de refúgio entre África e o Canadá, enquanto a de Maryse Condé é organizada e mediada por atividades que delimitam os sentidos possíveis de sua fala. Os termos “pays” e “enfance”, presentes na nuvem de palavras, destacam-se sobretudo por se tratar de um módulo que apresenta uma personagem e uma personalidade negras narrando suas histórias de infância e seus deslocamentos entre países, seja por refúgio, no caso de Pulchérie, seja por migração, no caso de Maryse Condé.

No caso de Maryse Condé, a organização discursiva associa sua história de vida a três elementos que aparecem logo na primeira atividade e que, coincidentemente ou não, remetem a fatos, experiências e percepções que atravessam sua trajetória. A atividade de escolha apresenta três opções: “(...) le racisme em France”, “(...) anecdotes de as vie scolaire” e “(...) la langue qu’elle adopte”.

No caso de Pulchérie, essa mesma organização associa sua trajetória a um percurso que vai da África ao Canadá, mobilizando termos como “lieu de naissance” e “lieu d’accueil”. Esse funcionamento tende a fixar a experiência negra a trajetórias de deslocamento marcadas por vulnerabilidade e adequação, ao mesmo tempo em que constrói o espaço de chegada como lugar de acolhimento, em contraste implícito com o país de origem. Nesse processo, a África é frequentemente significada como espaço marcado por carências específicas, em oposição ao Canadá, o que contribui para a naturalização de uma relação hierárquica entre espaços geográficos e sujeitos. Tal efeito pode ser compreendido à luz de Michel Pêcheux (2010), para quem o sentido é determinado pelas formações ideológicas em jogo, o que permite compreender que a organização desses termos não é neutra, mas atravessada por memórias discursivas.

Além disso, conforme Eni Orlandi (2007), o silêncio também produz sentido. Nesse caso, a ausência de outras experiências negras que não estejam vinculadas ao deslocamento contribui para a naturalização dessa associação.

Esse funcionamento também se evidencia na nuvem de palavras do módulo, na qual termos como “noirs”, “silence”, “famille”, “asile” e “voyageurs” aparecem em proximidade com “neige”, produzindo um efeito de sentido que associa a identidade negra a trajetórias migratórias marcadas pelo deslocamento e pela vulnerabilidade. Em contrapartida, a posição de “Afrique”, distante desses termos, contribui para a construção de um espaço de origem dissociado dessas experiências, enquanto que o espaço de chegada é configurado como lugar de acolhimento. Desse modo, o termo “noirs” aproxima-se discursivamente do contexto (i)migratório, reforçando a associação entre negritude e deslocamento.

Na lição dedicada a Maryse Condé, observa-se uma tentativa de deslocamento do eixo eurocêntrico, ao legitimar uma intelectual negra como instância enunciativa. No entanto, essa voz é fragmentada por atividades pedagógicas que delimitam previamente os sentidos possíveis, reduzindo sua potência crítica. Paralelamente, evidencia-se uma hierarquização linguística recorrente, na qual o francês é associado ao prestígio e à mobilidade social, enquanto o crioulo aparece vinculado a experiências de marginalização.

Esse movimento materializa-se nas atividades propostas (2.b, 2.d, 2.f, 2.g, 2.j e 2.k), nas páginas 23 e 24, que orientam a leitura por meio de enunciados previamente estruturados, como “les deux langues” ou “des expériences d’enfance de Maryse Condé”, restringindo a abertura interpretativa. Além disso, formulações como “L’enfant qui parlait créole à l’école était humilié” e “Le français était la langue que les enseignants préféraient à l’école.” reforçam uma rede discursiva que articula língua, poder e identidade, evidenciando a subalternização do crioulo frente ao francês.

No que se refere à lição “Citoyens du monde”, o discurso se organiza a partir de um percurso geográfico que se inicia na África e se desloca em direção à América do Norte, representado por mapas e trajetórias migratórias. A África é apresentada segundo sua divisão político-geográfica, evidenciando marcas do colonialismo nas formas de organização do espaço, sem que haja, nesse momento, uma contextualização histórica mais aprofundada, a qual só virá a ser desenvolvida em um dos volumes posteriores da coleção, no *Perspectives 3*. A atividade com mapa-múndi e o vídeo sobre países francófonos introduz a noção de cidadania global, mas o faz a partir de uma lógica que privilegia elementos linguísticos e culturais compartilhados, sem problematizar as assimetrias históricas que estruturam esses espaços.

Tal processo pode ser compreendido, ainda, à luz das reflexões de Frantz Fanon (1968), para quem o colonialismo não apenas domina territórios, mas também estrutura imaginários e produz hierarquias entre espaços e sujeitos. A partir dessas recorrências, foi possível identificar determinadas regularidades na construção discursiva do negro, da negritude e da francofonia.

Desse modo, o módulo opera em uma tensão entre visibilidade e controle, um lugar heterogêneo: ao mesmo tempo em que introduz a diversidade, reinscreve, por meio de seus dispositivos pedagógicos, formações discursivas que reiteram hierarquias historicamente constituídas. Assim, embora o material possibilite a problematização das relações entre língua, identidade e colonialidade, também interpela o fazer docente, na medida em que exige uma mediação crítica capaz de tensionar tais hierarquias e evidenciar suas implicações.

Para a investigação da distribuição do espaço simbólico, busquei compreender quais territórios, culturas e experiências recebem maior visibilidade no módulo e quais ocupam

posições periféricas. Para isso, foram examinadas as referências geográficas presentes nos textos, imagens e atividades, bem como os espaços associados às personagens e às práticas culturais apresentadas. Essa observação permitiu identificar os lugares privilegiados na construção da francofonia e os modos pelos quais as experiências negras são espacialmente organizadas.

No que se refere à distribuição do espaço simbólico ainda, os eixos do negro, da negritude e da francofonia se interseccionam. Embora a narrativa mobilize a Costa do Marfim e Montreal como referências centrais, observa-se que o Canadá recebe maior destaque na organização discursiva do módulo, especialmente nas atividades voltadas à descoberta da trajetória da personagem. Nas atividades 3.a, 3.b e, sobretudo, 3.c, a francofonia é apresentada a partir desse eixo Costa do Marfim-Montreal. Nesse funcionamento, o sujeito negro é representado principalmente em deslocamento, e não como pertencente ou “povos originários” de territórios francófonos. Quando o material explora os espaços da francofonia, a presença negra tende a aparecer vinculada à mobilidade geográfica, mais do que à ocupação histórica desses territórios. Assim, o deslocamento é frequentemente significado como um percurso de superação, no qual a saída do país de origem é associada à busca por melhores condições de vida. Ainda que sejam mencionadas dificuldades e vulnerabilidades relacionadas ao processo de adaptação, a narrativa tende a atribuir a esse percurso um sentido predominantemente positivo.

Fatos esses conduzem à análise seguinte. Para investigar os silenciamentos, as regularidades e as hierarquias discursivas, além dos elementos explicitamente presentes no material, a análise considerou também os sentidos produzidos pelas ausências, pelas recorrências e pelas formas de hierarquias discursiva. Nesse sentido, foram observados os temas frequentemente retomados, os aspectos pouco desenvolvidos ou omitidos e as relações de valor atribuídas às diferentes experiências culturais e identitárias. A identificação dessas regularidades permitiu compreender os mecanismos discursivos que estruturam as representações do negro, da negritude e da francofonia no módulo.

Na narrativa de Pulchérie, é possível perceber essa representação negra predominantemente por meio de trajetórias migratórias, como em “Nous sommes partis au Canada” e “Mes meilleurs amis avaient quitté leurs pays d’origine comme moi”. Essa recorrência produz uma regularidade discursiva que associa a negritude ao trânsito migratório, ao acolhimento e à adaptação, enquanto outras experiências negras relacionadas à participação política, à resistência ou à produção cultural afro-diaspórica permanecem silenciadas. Paralelamente, a lição dedicada a Maryse Condé evidencia uma hierarquização linguística na

qual o francês é associado ao prestígio social e ao crioulo à marginalização, como observado nos enunciados “L’enfant qui parlait créole à l’école était humilié”, “J’ai grandi dans une famille qui avait le fétichisme du français” e “Le français était la langue que les enseignants préféraient à l’école.”. Essa hierarquia é reforçada pela atividade que sintetiza a trajetória da autora afirmando que “La famille de Maryse Condé valorisait le français comme langue d’ascension sociale”.

Embora o módulo mencione temas como a colonização, o olhar estrangeiro, escravização e a marginalização, tais aspectos aparecem de forma secundária e não são articulados a uma problematização mais ampla das relações de poder que constituem a francofonia. Isso se evidencia especialmente na pergunta que aparece logo após a imagem de um mapa-mundi: “Qu’est-ce que ces lieux ont en commun?”, que estimula os estudantes a identificar elementos linguísticos e culturais compartilhados entre 9 (nove) espaços de países francófonos destacados. Dessa forma, as recorrências associadas à migração, os silenciamentos relativos às resistências afro-diaspóricas e as hierarquias linguísticas observadas no corpus fundamentam as categorias analíticas sintetizadas no quadro.

Por fim, busquei examinar quais formas de alteridade são reconhecidas e legitimadas pelo discurso do material e quais permanecem em posições secundárias ou marginalizadas. Para isso, foram analisadas as vozes autorizadas a falar, os conhecimentos valorizados, os referenciais culturais mobilizados e os limites impostos às representações da diversidade. Tal observação possibilitou compreender os processos de inclusão, reconhecimento e exclusão que atravessam a construção discursiva.

A inserção parcialmente legitimada da escritora antilhana Maryse Condé como instância enunciativa, bem como a mobilização de referências culturais afro-caribenhas, confere visibilidade a sujeitos historicamente situados fora dos centros europeus de produção cultural. Sua trajetória, suas memórias e suas reflexões sobre língua e identidade tornam-se objeto de leitura e estudo, embora mediadas por atividades que orientam previamente os sentidos a serem produzidos pelos estudantes. Além disso, o material mobiliza referências culturais caribenhas, como os personagens tradicionais “Lapin et Zamba”, o poeta cubano Nicolás Guillén e o escritor haitiano-canadense Dany Laferrière, ampliando parcialmente o repertório cultural apresentado aos estudantes.

O quadro a seguir sintetiza os principais eixos de análise do módulo:

Quadro 1 – Quadro analítico do Módulo 1 do *Perspectives 1*

MÓDULO 1	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA	DO NEGRO	DA NEGRITUDE	DA FRANCOFONIA
(1)	A representação discursiva	Presença enunciativa (Pulchérie), associada ao deslocamento migratório	Construída como experiência marcada por mobilidade, adaptação e vulnerabilidade	Inserida via trajetórias individuais, sem problematização estrutural
(2)	A distribuição do espaço simbólico	Associado ao eixo África → Norte mundial/Canadá	Localizada em espaços de origem e deslocamento	Organizada a partir de centros francófonos hegemônicos
(3)	Silenciamentos	Ausência de experiências negras não migratórias	Apagamento de resistências e historicidade afro-diaspórica	Invisibilização das relações coloniais na constituição da francofonia
	Regularidades	Associação entre negritude e deslocamento	Reiteração da negritude como experiência de trânsito	Francofonia apresentada como espaço homogêneo
	Hierarquias Discursivas	Sujeito negro condicionado à narrativa de migração	Experiências negras subordinadas a trajetórias de adaptação	Centralidade do francês como língua de prestígio
(4)	A alteridade legitimada	Voz negra parcialmente legitimada (Maryse Condé)	Reconhecimento condicionado e mediado	Inclusão pontual de vozes não europeias
	A alteridade marginalizada	Redução a experiências específicas (migração)	Limitação da negritude a recortes não críticos	Marginalização de epistemologias afro-diaspóricas

Fonte: A autora, 2026

Desse modo, o módulo reconhece a presença de sujeitos e produções culturais negras no espaço francófono, mas o faz por meio de recortes específicos que acabam reduzindo a complexidade e a diversidade das experiências afro-diaspóricas representadas. A seguir, inicia-se a análise do módulo 2 (dois).

4.2 A negritude francófona em: centralidade da alteridade esvaziada à estetização, despolitização e deshistoricização

No Módulo 2, a presença do sujeito negro não se materializa por meio de personagens, personalidades ou trajetórias individuais, mas principalmente por referências a territórios, manifestações culturais e práticas sociais associadas ao espaço afro-caribenho. A negritude é evocada por elementos como o crioulo, a arte urbana, a música, o patrimônio cultural e os modos de vida locais, produzindo uma representação marcada pela dimensão cultural. Em consequência, os sujeitos negros aparecem menos como agentes históricos e mais como referências implícitas vinculadas à cultura e ao território.

Isso pode ser observado em enunciados como: “Marie-Galante, c’est un monde à part,

une Guadeloupe hors du temps, authentique”, que descreve “les plages”, “les moulins”, “les maison créoles” e “le rhum” (atividade 5, p. 40). Assim, percebe-se que a negritude surge associada a elemento cultural e turístico, como em “des maisons créoles au charme authentique”.

A centralidade de termos como “tourisme”, “nature” e “visites” evidencia um processo de substituição dos sujeitos por territórios e paisagens. Nesse funcionamento, o sujeito negro enquanto subjetividade, encontra-se discursivamente ausente, produzindo uma discursividade na qual a diversidade é estetizada e consumida culturalmente. Os territórios ultramarinos, por sua vez, são apresentados como extensões da França, sem problematização de seus processos históricos de colonização e escravidão, o que produz um efeito de deshistoricização.

Em funcionamento torna-se evidente, por exemplo, na página 38, em enunciados como “Comment arriver sur “La Grande Galette”? (...) depuis la France” e “Complétez l’itinéraire de la France métropolitaine à Marie-Galante”, que indicam a França metropolitana como ponto de partida enunciativo. Tal recorte não é neutro, pois inscreve a mobilidade e a circulação no espaço francófono a partir de uma lógica centrada na metrópole, reiterando relações históricas de dependência e hierarquização entre centro e periferia. Ao mesmo tempo, silencia-se a possibilidade de outros pontos de partida, o que reforça uma geopolítica do olhar centrada no eixo metropolitano.

A distribuição do espaço simbólico prioriza em concentrar-se nos territórios ultramarinos franceses, especialmente Guadalupe e Marie-Galante. “les sites naturels et les moyens pour arriver à île aux cents moulins” (p.37-39). Embora esses espaços recebam visibilidade, sua representação ocorre em relação à França metropolitana, que permanece como centro organizador da francofonia. Assim, os territórios afro-caribenhos ocupam um lugar de reconhecimento, mas não de centralidade discursiva.

Na lição introdutória do módulo, “France: un pays aux 3 océans”, o mapa-múndi organiza a numeração dos territórios a partir da metrópole, reiterando uma hierarquia espacial implícita. Embora os territórios ultramarinos ocupem centralidade visual, aparecem como extensões periféricas, o que contribui para a naturalização de uma unidade nacional aparentemente neutra, os “territórios franceses”, que apaga as condições históricas de sua constituição. A ausência de referências à negritude e às dinâmicas afro-diaspóricas configura, nesse sentido, um silêncio estrutural.

Essa lógica articula-se a uma discursividade que privilegia o turismo e a exotização dos territórios, associando a presença francesa a uma ideia de diversidade geográfica, ao mesmo tempo em que ressignifica o imaginário colonial. Nesse processo, a negritude, a África e as Antilhas são frequentemente circunscritas a espaços específicos de alteridade, o que reforça

uma distribuição desigual de visibilidade e centralidade. À luz de Eni Orlandi (2012), tais silenciamentos produzem efeitos de sentido ao apagarem narrativas centradas nos sujeitos, em suas histórias e em suas produções culturais.

Nas análises dos silenciamentos, regularidades e hierarquias discursivas, foi possível identificar a recorrência de representações centradas na paisagem, no turismo e no patrimônio cultural, produzindo uma estetização da cultura negra e afro-caribenha. Em contrapartida, observa-se o silenciamento de aspectos relacionados à escravidão, à colonialidade, às resistências negras e às desigualdades históricas que constituem esses territórios. Paralelamente, a organização discursiva do módulo mantém a língua francesa e a França metropolitana em posição de centralidade, enquanto as culturas locais aparecem em posições periféricas ou complementares.

Quanto à alteridade legitimada e a alteridade marginalizada, o módulo legitima determinadas formas de alteridade por meio da valorização de manifestações culturais locais, da arte urbana, do patrimônio histórico e do crioulo como elemento identitário. Contudo, essa legitimação ocorre de maneira predominantemente cultural e turística, sem que os sujeitos negros sejam reconhecidos como produtores de conhecimento ou protagonistas de processos históricos. Dessa forma, experiências, saberes e perspectivas afro-diaspóricas permanecem parcialmente marginalizados, ainda que seus traços culturais sejam incorporados ao discurso do material.

Na lição “L’authentique Marie-Galante”, observa-se uma maior visibilidade territorial; contudo, ela se constrói por meio de uma lógica de autenticidade e contemplação, que desvincula o território de sua historicidade racial e social. Elementos como as “habitations” são apresentados sem articulação com o sistema escravocrata, o que reforça a despolitização da memória. Além disso, a negritude permanece ausente enquanto construção histórica, política e identitária: não há inscrição de sujeitos negros como agentes sociais, tampouco a valorização de práticas culturais associadas à resistência.

De modo semelhante, em “Pointe-à-Pitre: capitale créole de l’art urbain”, a cultura local é mobilizada sob uma perspectiva estética, na qual o crioulo aparece associado à arte, e não como sistema linguístico legítimo. Nesse processo, o francês mantém sua posição de centralidade como língua de prestígio, enquanto as expressões culturais locais são relegadas a um lugar periférico e decorativo. Esse funcionamento se evidencia, por exemplo, na atividade que apresenta o projeto “Pli Bel Lari” (p. 50-51), seguido de sua tradução para o francês. Na atividade 10.a, de compreensão dos provérbios, o processo de compreensão ocorre a partir do francês e não ao contrário. Em momento algum há uma problematização do bilinguismo ou das

relações de poder entre as línguas.

No plano da política linguística, constrói-se uma representação do francês como língua global e neutra, desvinculada de relações de poder, o que contribui para o apagamento da colonialidade linguística e de sua imposição histórica. Assim, o espaço simbólico se organiza em torno do francês como centro, enquanto as línguas e culturas locais ocupam posições periféricas.

Um elemento adicional relevante é a ausência da descrição da última lição “On se promène à Rio” na capa do módulo, em contraste com o padrão recorrente na coleção. Tal ruptura sugere a inserção menos integrada ao conjunto do módulo, o que produz efeitos de sentido sobre sua relevância. Ainda que a presença de personagens guadalupenses indique uma possível abertura à francofonia não europeia, a representação do Rio de Janeiro permanece centrada na paisagem e no turismo, sem tematização das relações étnico-raciais.

Desse modo, o módulo constrói uma forma de inclusão subordinada, na qual a diversidade é mobilizada de forma controlada e sem centralidade, mantendo África e Antilhas como espaços de alteridade no interior de um discurso colonial. Ainda que o material apresente marcas de diversidade, tal funcionamento não promove um deslocamento efetivo de sentidos, na medida em que não rompe com a memória discursiva colonial que sustenta essas representações.

Os silenciamentos, relativos à escravidão, à colonialidade e às resistências negras, não são acidentais, mas estruturais, operando na manutenção de uma organização ideológica eurocêntrica. Nesse sentido, o silêncio constitutivo de Orlandi (2012) é identificado regularidade discursiva do módulo que recai sobre a associação entre ultramar e turismo, produzindo o apagamento dos conflitos históricos. A alteridade negra, assim, não é explicitamente negada, mas deshistoricizada e despolitizada por meio de uma discursividade que neutraliza as relações de poder que atravessam a francofonia. Nesse sentido, o material não se aproxima de uma perspectiva de “francês afirmativo” (Moura, 2024), pois não reinscreve criticamente os sujeitos negros na historicidade. Isso cria uma produção de sentido, a saber: a legitimação da alteridade negra não é explicitamente marginalizada, mas é “deshistoricizada”, “desracializada” e “desfolclorizada” (turismo e “créole”) indiretamente pelo viés da neutralização do discurso encobrindo colonialidade linguística e imposição histórica do francês.

Por fim, esses silenciamentos não são acidentais nem intencionais, pois o sujeito da Análise do Discurso não é centrado; não é a origem do seu dizer. Eles são, portanto, estruturais, operando discursivamente na manutenção ideológica eurocêntrica que organiza a produção de sentidos sobre a francofonia.

A análise dos módulos, de modo geral, permite identificar uma regularidade discursiva mais ampla: a passagem da presença condicionada do sujeito negro à sua diluição progressiva, acompanhada pela manutenção de hierarquias linguísticas, espaciais e culturais.

Enquanto no Módulo 1 apresenta sujeitos negros como enunciadores, ainda que mediados, o Módulo 2 desloca essa presença para o plano da cultura e do território, esvaziando sua dimensão histórica e política. Esse movimento é sustentado por silenciamentos recorrentes acerca da colonialidade, da escravidão e das resistências negras.

Tal funcionamento evidencia a permanência de uma memória discursiva colonial que organiza a produção de sentidos sobre a francofonia. Nessa direção, Fanon (2022) mostra que o colonialismo produz hierarquias simbólicas que atravessam linguagem, cultura e identidade.

O quadro a seguir sintetiza os principais eixos de análise do módulo:

Quadro 2 – Quadro analítico do Módulo 2 do *Perspectives 1*

MÓDULO 2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA	DO NEGRO	DA NEGRITUDE	DA FRANCOFONIA
(1)	A representação discursiva	Ausência como sujeito; presença indireta via território e cultura	Reduzida a traços culturais estetizados (arte, turismo, “créole”)	Representada por territórios ultramarinos e práticas culturais despolitizadas
(2)	A distribuição do espaço simbólico	Não ocupa centralidade enunciativa	Associada a espaços periféricos (ilhas, ultramar)	Organizada a partir da França metropolitana como centro
(3)	Silenciamentos	Ausência de sujeitos negros como agentes históricos	Apagamento da escravidão, colonialidade e resistências	Invisibilização das relações históricas da francofonia
	Regularidades	Substituição do sujeito por paisagem	Estetização da cultura negra	Francofonia como diversidade turística
	Hierarquias Discursivas	Sujeito negro implícito e secundarizado	Cultura negra como objeto de consumo	Francês como língua central; culturas locais como periféricas
(4)	A alteridade legitimada	Presença indireta via cultura local	Reconhecimento superficial (arte, cotidiano)	Inclusão territorial sem centralidade
	A alteridade marginalizada	Ausência como produtor de saber	Despolitização da negritude	Marginalização de saberes afrodiaspóricos

Fonte: A autora, 2026

A seguir, inicia-se o capítulo quatro, dedicado às considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises desenvolvidas, evidencia-se a necessidade de problematizar as perspectivas efetivamente mobilizadas pelo material didático. Nesse sentido, observa-se que os olhares privilegiados permanecem majoritariamente alinhados a uma lógica eurocêntrica, na qual a francofonia é representada a partir de centros hegemônicos, enquanto outras vozes são incorporadas de maneira pontual e controlada.

As análises revelam uma regularidade discursiva marcada pela passagem de uma presença condicionada do sujeito negro para a sua progressiva diluição, acompanhada pela manutenção de hierarquias linguísticas, culturais e espaciais.

No conjunto do corpus, a negritude não está ausente, mas é representada sob formas de subalternização simbólica. No Módulo 1, sua presença é frequentemente associada a trajetórias de deslocamento e adaptação; no Módulo 2, é deslocada para o plano da cultura e do território, frequentemente desvinculada de sua historicidade. Em ambos casos, observa-se a permanência de hierarquias discursivas que limitam a emergência do sujeito negro como agente histórico, político e epistêmico, evidenciando a atuação de uma memória discursiva colonial na organização dos sentidos sobre a francofonia.

Dessa forma, as questões que orientaram esta análise, relativas às perspectivas mobilizadas, aos olhares privilegiados e às vozes marginalizadas, não apenas se confirmam, como também apontam para a necessidade de uma mediação docente crítica, capaz de tensionar tais representações e de reinscrever a negritude em sua dimensão histórica, política e cultural no ensino de francês.

REFERÊNCIAS

- DEZERTO, Felipe Barbosa. Conhecimento e saber. *In*: MEDEIROS, Vanise. *et al.* **Na movência dos conceitos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2024. p. 45-52.
- DEZERTO, Felipe Barbosa. O Français Langue Étrangère e a redistribuição internacional do ensino de francês: o caso do Brasil. **Matraga - Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Letras Da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 38, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/matraga/article/view/21206>. Acesso em: 20 fev. 2026.
- DEZERTO, Felipe Barbosa. **Francês e educação: institucionalização de uma língua estrangeira em discursividade**. Niterói: Eduff, 2017. 227p. (Nova biblioteca, 14)
- DEZERTO, Felipe Barbosa. **Processos de subjetivação em colunas de João Silvério Trevisan**. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Orientadora: Vanise Gomes de Medeiros.
- DEZERTO, Felipe Barbosa. Francês, imaginário e ensino: conteúdos em uma perspectiva histórico-discursiva. *In*: GUIRRA, Edmar; KELECOM, Katharina Jeanne; MORAES, Luciano Passos; MONTEIRO, Luiz Paulo dos Santos (org.). **O francês como espaço plural: perspectivas de atuação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 145-166. Disponível em: [Pedro & João Editores](#). Acesso em: 13 maio 2026.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MOURA, Monithelli Aparecida Estevão de. **Aquilombar-se: experiências de uma professora preta de francês e de estudantes pretas(os) e pardas(os) no projeto Linguafro**. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguísticas, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2024.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios & procedimentos**. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (Michel Pêcheux et l'Analyse de Discours). **Estudos da Língua(gem)**, v. 1, n. 1, p. 9-13, 2005. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>. Acesso em: 19 nov. 2024.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso* (1969). Trad. Eni Puccinelli Orlandi. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org). **Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.